

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 127

Data: 25.04.85

Pg.: _____

Malária ataca garimpeiros sitiados por tribo no Pará

BELEM — Continua grande a tensão no garimpo de Maria Bonita, integrante do Projeto Cumaru, do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), onde a ameaça dos índios caiapós da aldeia Gorotiré soma-se agora, com maior gravidade, o surto de malária que está praticamente dizimando os garimpeiros e se constitui, mais que os índios, no maior problema para a continuidade da extração do ouro.

Desde segunda-feira, os índios caiapós (ou gorotirés) tomaram o garimpo de Maria Bonita — um dos três mais importantes da região do Cumaru, localizada entre as serras dos Gradaus e da Tocandeira, no município de São Félix do Xingu, no extremo Sul do Pará.

São cerca de 200 índios fortemente armados, que proibiram qualquer atividade no garimpo. Só um restaurante atende aos quase 5 mil garimpeiros, para refeições frugais. Mas neste final de semana deve começar a faltar alimento e os índios não arredam pé da disposição de não permitir o reabastecimento do comércio de Maria Bonita. Os aviões que pousam são obrigados a deixar as chaves da ignição com um cacique e poucos aviões obtêm permissão para decolar a menos que seja para levar os pacientes mais abatidos pela malária para o município de Redenção.

O protesto dos índios é contra a Caixa Econômica Federal, que suspendeu o pagamento dos "royalties" de 0,1 por cento sobre a produção bruta de ouro. Em média, dava Cr\$ 50 ou 60 milhões por mês aos

índios, via Funai. Desde janeiro esse pagamento foi suspenso e a CEF alega que o convênio expirou.

Para o Presidente da Funai, Nelson Marabuto, que esteve quarta-feira reunido com os índios, isso não passa de uma "deslavada mentira" da Caixa Econômica, já que, na verdade, o convênio expirou em março de 84, mas até janeiro os pagamentos continuavam a ser efetuados sem que fosse preciso qualquer renovação.

De 25 a 30 casos de malária são registrados por dia, e a pequena barraca da Sucam já informa que não há mais DDT para borrifação e que os medicamentos para os doentes acabaram. O jeito é a remoção para Redenção, onde o enfermo fica abandonado à própria sorte.